

A Potência das Metáforas de Trabalho

Renato Ferracini
Ator-Pesquisador e Professor de Pós-Graduação
LUME - UNICAMP
Erika Cunha
Atriz e Mestra
IA – UNCIAMP

Palavras Chave: metáfora, conceito, preparação

Sabemos que cada atuator, cada procedimento de trabalho, cada grupo possui e compõe constantemente, em sala, o que podemos chamar de **metáforas de trabalho**. O conjunto delas compõe uma certa “língua” comum inteligível somente a esses mesmos artistas e /ou grupos.

Essas metáforas podem ser imagens, idéias, ações, comandos verbais, substantivos metafóricos que auxiliam o atuator em um trabalho prático específico ou a adentrar em algum estado específico. Algumas metáforas de trabalho são bastante comuns e muito utilizadas em sala de preparação ou de ensaios como, por exemplo: deixar-se impregnar pelo corpo; deixar o corpo falar; ouvir o espaço; ampliar a percepção; ampliar a escuta; escutar e ouvir o outro; perceber o outro; perceber o tempo; sentir o ritmo; atingir o público por outro canal; procurar uma comunicação mais profunda; buscar uma vibração interna; buscar uma percepção não consciente e não racional com o público; não pensar ao executar um exercício ou trabalho, entre muitas outras. Alguns substantivos metafóricos como Verde, Gueixa, Samurai (utilizados no LUME) constroem processos e fluxos de exercícios e trabalhos complexos e que não se reduzem – absolutamente – ao substantivo metafórico utilizado.

Podemos tomar como premissa básica que essas metáforas utilizadas em sala de trabalho são imagens que auxiliam o atuator a adentrar em uma Zona de Experimentação. Dessa forma, longe de serem consideradas possíveis ingenuidades conceituais utilizadas pelos artistas e/ou grupos, são quase ações-imagens-conceitos que sugerem uma experiência prática de trabalho e de entrada em zona de potências, em linhas de fuga das doxas cotidianas corpóreas. Metáforas de trabalho como possível recriação intersemiótica de um fluxo de processo corpóreo-artístico complexo. Também podem revelar, em suas análises práticas, questões conceituais, teóricas e éticas dos artistas e grupos. Sem contar que essas metáforas de trabalho nascem de uma memória do próprio processo de criação e trabalho prático. Dessa forma, o conjunto de metáforas de

trabalho como língua interna contém ou compõe a própria memória processual do artista ou grupo. Talvez, ao estudar essa memória processual no conjunto da língua-metáfora de artistas ou grupos podemos adentrar no próprio universo de construção conceitual e dos fluxos de processos de criação complexos que eles utilizam. As metáforas de trabalho, como “língua” de um processo específico deveria, portanto, ser considerada como um discurso potente; e tão potente como a língua conceitual ou matemática. É a língua metáfora-arte que produz conhecimento prático e mesmo teórico quando analisada com cuidado e acuidade. É nas metáforas de trabalho que o discurso do ator, do dançarino, do mestre de cavalo marinho adquire certo patamar de conhecimento merecido e complexo, pois gera ou discursa um fazer que não necessitam de qualquer conceituação para sua completude, pois pensa por si; é potente em si. É com as metáforas de trabalho – e não sobre elas – que o pensamento conceitual, reflexivo e crítico deveria se assentar.

As metáforas de trabalho podem gerar realidades em linha de fuga e talvez criem fissuras dentro de uma realidade engessada. Podem levar o corpo a experimentar novas possibilidades de ações, de vibrações, de criação artística. É uma ida às bordas, às vizinhanças, às linhas de potência liminar em que as definições inteligíveis e lógicas já não alcançam mais.

O que se experimenta no trabalho prático do ateador não é somente a metáfora como figura de linguagem, mas principalmente como detonadora de ação. É com um conjunto de práticas composto e instigado pelas metáforas de trabalho que o corpo se alça para fora de seu sentido/comportamento de doxa cotidiana. Portanto, é perfeitamente possível um condutor de trabalho pedir que o bailarino “dance como uma rosa que desabrocha”. E é justamente o ingresso dessa nova metáfora no conjunto de um sistema de práticas corpóreas cotidianas enrijecidas que pode conduzir nossas ações para um novo território e alterar as percepções, micropercepções e as ações a partir da imagem dada. Por isso, cada grupo estabelece seu processo de trabalho a partir de metáforas muito particulares que são detonadoras de desterritorializações e reterritorializações no conjunto de práticas daquele artista ou grupo específico.

A metáfora de trabalho, portanto, pode proporcionar, a partir dela mesma, esse trânsito não dualista fora-dentro e pode re-compor, nesse encontro, o corpo em uma fronteira criativa. Como exemplo podemos verificar uma metáfora de trabalho usada durante um workshop com Mitsuru Sasaki e que foi o primeiro contato com a Dança Butô de Érika (co-autora desse ensaio):

Dance como se um peixinho minúsculo nadasse ágil em seu corpo”. É claro que o peixe não existia, mas durante o trabalho eu traduzia a imagem, enquanto

dançava, como pequenas ações/movimentos de articulações e músculos trabalhados separadamente: somente o quadril ou o dedo indicador da mão direita.

Como se pode perceber, a metáfora se afasta do raciocínio lógico-objetivo e pode lançar o corpo em um pensar-em-ação. A metáfora de trabalho estabelece uma nova lógica não-intelectual: a lógica da prática corpórea; a lógica de uma potência de sensação-peixe-no-aquário. Podemos pensar de forma rápida que o que ocorre nesse exemplo é uma possível “tradução” de um comando verbal para a ação física. Mas essa tradução não pode ser pensada como a representação de um signo verbal e imagético por um signo corpóreo. Isso seria reduzir a potência da metáfora de trabalho a questões meramente representativas. O corpo não representa a metáfora de trabalho, mas gera uma potência de criação corpórea, de um pensamento-prática que pode lançar o corpo em um estado de liminaridade e experimentação. A metáfora de trabalho gera potência corpórea e não tradução representativa. Uma tradução somente poderia ser entendida aqui como criação ou recriação de territórios. São dois territórios (metáfora de trabalho e conjunto de práticas) que geram tensões tectônicas enormes no seu encontro. E são justamente essas tensões que podem promover um corpo em experimentação em suas dobras-montanhas, resultantes do alívio das próprias tensões tectônicas. As metáforas de trabalho são potências imagéticas e lingüísticas que podem produzir territórios de práticas na desterritorialização que promovem. A metáfora de trabalho leva essa relação arte-sala para uma atualização.

Mas, qual será então a diferença entre conceito e metáfora? Chamemos Deleuze em auxílio:

Um conceito está privado de sentido enquanto não concorda com outros conceitos, e não está associado a um problema que resolve ou contribui para resolver. (DELEUZE e GATTARI, 1992 :103)

Os conceitos associados ao “problema” da arte podem ser entendidos, portanto, como aqueles gerados ou importados para dentro de uma zona artística e que mantêm porosidades abertas a outros conceitos que os pressionam em recriação ou crítica constante. Esses conceitos gerados ou importados (portanto criados ou recriados) para esse território artístico buscam, em seu conjunto e porosidade constante, resolver questões abertas e indefinidas demais que a arte coloca ou propõe em seu conjunto de práticas.

Conceito em arte seria, portanto, um elemento de dupla-face: por um lado de delimitação de um problema amplo e ao mesmo tempo de potencialização discursiva desse mesmo problema delimitado. O conceito, em sua porosidade, em seu caráter associativo e relacional jamais busca

uma verdade, uma totalização ou um universal. Ele tende à variabilidade: uma potência relacional e em fluxo de transformação. Ele pode ser ao mesmo tempo relativo (porque poroso) e absoluto (porque delinea o problema). Em arte ele deveria estar sempre relacionado ao conjunto de práticas que é proposto - esse também sempre em processo.

Dessa forma, tanto o conceito como as metáforas de trabalho estão vinculadas diretamente ao conjunto de práticas artísticas. Mas existe uma diferença de natureza na relação dada com esse conjunto de práticas. O conceito em arte busca delinear um problema dado a ponto de seu discurso ser colocado em questão ou crítica. O conceito gera discussão, crítica, problematizações, debates, inflexões, reflexões. E nessas ações geradas se reconstrói, se recria em sua porosidade para gerar sempre mais debates, mais discussões, mais problematizações. O conceito gera um território de discurso possível; um território de debate problematizante possível. Já a metáfora de trabalho não gera território discursivo, mas nasce para gerar mais conjunto de práticas possíveis. Enquanto o conceito tem a potência de gerar novos territórios de discurso (conceitual) a partir de um conjunto de práticas; a metáfora de trabalho, por sua vez, gera novos territórios de prática a partir de um território de discurso ou um território imagético (metafórico).

O que pode ser verificado como uma ampliação de potência aqui é que a metáfora de trabalho e o conjunto de práticas que ela gera compõem em seu encontro e tensões territoriais, um sistema complexo de “material de arte” que pode ser problematizado e conceituado em seu bojo.

As metáforas de trabalho possuem um patamar de conhecimento potente e complexo no território artístico. É por isso que os discursos de metáforas de trabalho de um mestre de cavalo marinho, de um ator, de um dançarino, de um performer possuem a potência de discurso e reflexão conceitual em seu bojo. Ela não precisa, absolutamente, ser “traduzida” pelo conceito, mas o conceito pode problematizar **com** ela, por meio dela, a partir dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, GILLES e GUATTARI, FELIX. *O que é Filosofia*. Trad. Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. – Rio de Janeiro : Editora 34, 1992